



Boletim da Sociedade das Ciências Antigas

Publicação da Sociedade das Ciências Antigas — Todos os Direitos Reservados

Volume I, edição V

Agosto de 2010

Nesta edição:

Jacob Boehme	1
Os Quatro Corpos do Homem	4
A Ordem Kabalística da Rose Croix (O.K.R.C.)	12
Contos Espirituais	14

Jacob Boehme

Jacob Boehme, por vezes grafado como Jakob Böhme, nasceu em 1575 na pequena cidade de Alt Seidenburg, distante uma légua e meia de Gorlitz, na Alemanha. Seus pais, Jacob e Ursula, eram luteranos, simples e honestos. O primeiro emprego do pequeno Jacob foi de pastor de ovelhas em Lands-Krone, uma montanha nos arredores de Gorlitz. A única espécie de educação que teve foi recebida na escola da cidade de Seidenberg, que ficava a uma milha de sua casa. Aos catorze anos aprendeu o ofício de sapateiro. Em seguida, viajou pela Alemanha como artifice, sempre no mesmo ramo. Por volta de 1599, retornou a Gorlitz onde veio a ser um mestre em sua profissão. Casou-se com Katherine Kuntzschmann, com quem teve quatro filhos, a um dos quais ensinou seu ofício.

Relatou a um amigo que, durante o tempo de seu aprendizado, quando seu mestre estava ausente, viu entrar na sapataria onde trabalhava, uma figura de aspecto venerável, um estranho vestido de forma simples, querendo comprar um par de sapatos que já havia escolhido. Julgando-se incapaz de lidar com vendas, Boehme fez-lhe um preço muito alto, crendo que o estranho recusaria e ele não seria repreendido pelo dono, seu mestre. O comprador, entretanto, pagou o preço estipulado e se afastou. Após ter dado alguns passos para fora da oficina, cha-

mou com voz alta e firme: " Jacob! Venha cá! ". O jovem, a princípio assustou-se ao ouvir aquele desconhecido chamá-lo pelo nome de batismo, depois, decidiu atendê-lo. O forasteiro, com ar sério mas amável, disse -lhe: "Jacob, você é ainda muito pequeno, mas será grande e se tornará outro homem, e será objeto da admiração de todos. Isto

porque é piedoso, crê em Deus e reverencia sua Palavra, acima de tudo. Leia cuidadosamente as Santas Escrituras, nas quais encontrará consolo e instrução, pois sofrerá muito; terá de suportar a pobreza, a miséria e as perseguições; mas seja corajoso e perseverante, pois Deus o ama". Em seguida, fixando-o bem nos olhos, apertou-lhe a mão e se foi, sem deixar qualquer indício.



Voltando a si do espanto, Boehme renunciou os prazeres da juventude folgazã e nunca mais abandonou a leitura das Santas Escrituras, tornando-se mais austero e mais atento a todos os seus atos.

Boehme era de natureza humilde, sensível e contemplativa. Além da bíblia, estudou as obras de Paracelso e os tratados místicos de Kaspar Schwenkfeld e de Valentin Weigel. Schwenkfeld e Weigel foram dois teólogos luteranos que romperam com a ortodoxia luterana para se dedicarem a uma doutrina mística. O primeiro foi fundador da seita dos Schwenkfelders que posteriormente

veio a adotar as idéias de Boehme. Weigel, que havia sido influenciado pelas obras de Eckartausen, Teuler, Paracelso e do pseudo Dionísio, divulgava uma doutrina gnóstica de caráter panteísta.

Desde cedo, Jacob Boehme entregara-se à crença em Deus com toda a simplicidade e humildade de seu coração. Ao mesmo tempo em que era combatido, lutava, inconformado, porque os outros não podiam conhecer a verdade. Seu coração simples solicitava e procurava, fervorosamente, praticar e aplicar-se ao amor pela verdadeira piedade, pela virtude, e a levar uma vida reclusa e honesta, privando-se de todos os prazeres da vida social. Por ser isto absolutamente contrário aos costumes de então, ele adquiriu vários inimigos.

Depois de ganhar a vida com o suor de seu rosto, como um laborioso trabalhador, no ano de 1600, quando tinha 25 anos, Boehme sentiu-se envolvido pela luz Divina. Estava sentado em seu quarto, quando seus olhos caíram sobre o prato de estanho polido que refletia a luz do sol com um esplendor maravilhoso. Isso levou Boehme a um êxtase inesperado e pareceu-lhe que a partir daquele momento podia contemplar as coisas na profundidade de seus fundamentos. Pensou que fosse apenas uma ilusão e, para expulsá-la de sua mente, saiu para o jardim. Mas aí observou que contemplava o verdadeiro coração das coisas, a autêntica grama, a verdadeira harmonia da natureza que havia sentido interiormente. Percebeu a sua essência, uso e propriedades, que lhe eram reveladas através das linhas e formas. Desta maneira compreendeu toda a criação e mais tarde escreveu um livro sobre os fundamentos daquela revelação, intitulado "De Signatura Rerum". Boehme encontrou alegria no conteúdo daqueles mistérios, voltou para casa e cuidou de sua família, vivendo em paz e silêncio sem revelar a ninguém as coisas que lhe haviam sucedido.

Dez anos mais tarde, no ano de 1610 viu-se novamente invadido por aquela luz. Todavia, aquilo que nas visões anteriores lhe havia aparecido de modo caótico e multifacético, pode agora ser reconhecido como uma unidade, tal como uma harpa em que cada uma de suas cordas fosse, por si só, um instrumento separado, enquanto que o todo constitui a harpa. Agora reconhecia a ordem divina da natureza. Sentiu necessi-

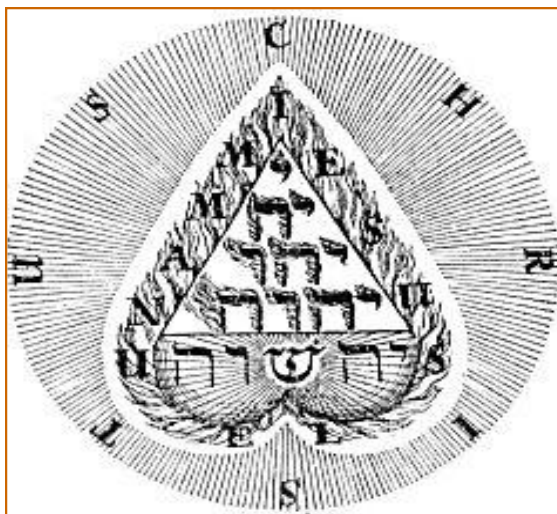
dade de por em palavras o que havia visto, para preservar suas recordações. Descreveu, então, o fato da seguinte maneira:

"Abriu-se para mim um largo portão e em um quarto da hora vi e aprendi mais do que veria e aprenderia em muitos anos de universidade. Por essa razão, estou profundamente admirado e dirijo a Deus minhas orações, agradecendo-lhe por isto. Porque vi e compreendi o Ser dos seres, o Abismo dos abismos e a geração eterna da Santíssima Trindade, o descendente e origem do mundo de todas as criaturas, pela divina sabedoria: Soube e vi por mim mesmo os três mundos, ou seja, o divino (angelical e paradisiaco), o das sombras (que deu origem e natureza ao fogo) e o mundo exterior e visível (sendo à procriação ou o nascimento exterior tanto do mundo interior como do espiritual). Vi e conheci toda a essência do trabalho o mal e o bem original e a existência de cada um deles; e também como frutificou com vigor a semente da eternidade. E isso de tal forma que dela fiquei desejoso e rejubilei-me".

Para não esquecer a grande graça que acabara de receber e para não desobedecer a um mestre tão santo e consolador, decidiu escrever em 1612, embora sua situação, financeira não fosse boa e não possuísse um livro sequer, com exceção da Bíblia. Surgiu então seu primeiro livro: "Die Morgenrotte im Aufgang" (O vermelho Matutino), que foi

posteriormente chamado por um de seus seguidores, o Dr. Balthazar Walter, de "Aurora". Este livro não foi mostrado a ninguém, a não ser a um cavalheiro muito conhecido, Karl von Endern, que se encontrava por acaso em sua casa. Era desejo de Boehme que este livro jamais fosse impresso. Todavia, acabou por ceder à insistência de Endern, e lhe emprestou o livro. Mas este, desejando possuir esse tesouro oculto, separou e distribuiu as folhas a alguns amigos que se puseram a copiá-lo. Deste modo começaram a correr rumores que acabaram por chegar aos ouvidos do pastor de Gorlitz, Gregor Richers. Este, mesmo sem ter lido ou examinado o livro, condenou-o do púlpito quando pregava e, esquecendo completamente a caridade cristã, caluniou e injuriou seu autor, a ponto de o magistrado de Gorlitz ser forçado a intimar Boehme a comparecer com o manuscrito.

Boehme compareceu, e perante os magistrados recebeu ordem de deixar a cidade imediatamente, sem



Símbolo usado por Boehme, que inclui os nomes Christus, Iesus e Imanuel inscritos em torno de um coração invertido, contendo o Tetragrama

mesmo ver a família e colocar os negócios em ordem. Submeteu-se a essa determinação, porém, desejava saber o que havia de errado com ele. Em resposta o pastor declarou que desejava vê-lo preso e longe da cidade.

Posteriormente, a ordem do magistrado foi revogada e notificaram Boehme de que poderia morar em Görlitz e trabalhar em sua profissão, contanto que não escrevesse mais sobre assuntos teológicos, acrescentando: "Sutor ne ultra crepidam", isto é "O sapateiro não vai além das sandálias".

Boehme esperou pacientemente que cessassem as denúncias (de 1613 a 1618), o que aconteceu; muito pelo contrário, recrudesceram; mas nem por isso deixou de orar por aqueles que o condenaram. Sentia-se infeliz em seu silêncio forçado. Tempos depois, referindo-se a esse período diria que se comparava a uma semente que, oculta no seio da terra, desenvolvia-se apesar do mau tempo e das tempestades.

Santa e pacientemente, submetera-se ao veredicto que recebera e permaneceu sete anos sem escrever. Entretanto, um novo impulso de seu interior veio despertá-lo. Além disso, pessoas nas ciências da natureza estimularam-no a continuar sua obra e a "não esconder a lâmpada debaixo da cama". Decidiu-se, então, a recomençar a

escrever e muitas obras surgiram: "Von der Drei Principien Gottliches Wesens" (Os Três Princípios da Natureza de Deus) em 1619; "Vom Dreifachem Lebem des Menchen" (A Vida Tríptica do Homem), "Vierzig Fragen von der Seele" (Quarenta Questões da Alma), "Von der Menschwerdung Jesu Christi" (A Encarnação de Jesus Cristo), "Von Sechs Theosophischen Punkten" (Seis Pontos Teosóficos), "Grundlicher Bericht von dem Irdischen und Himmlischen Mystério" (Relato Metódico do Mistério Terrestre e Celeste) em 1620; "Von der Geburt und Bezeichnung Aller Wesen" (O Nascimento e a Marca de Todas as Coisas), mais conhecido como "Signatura Rerum", em 1621; "Von der Gnadenwahl" (A Escolha da graça) em 1623; "Betrachtung Gottlicher Offenbarung" (Os Três Princípios da Revelação Divina) e "Der Weg zu Christo" (O Caminho Para o Cristo) em 1624.

Cada livro que Boehme escreveu marcou nele, segundo suas próprias palavras, o crescimento do "lírio es-

piritual", ou seja, o amadurecimento da vida, sempre para a Luz do Espírito, o "novo nascimento de Cristo". O "crescimento do lírio" está acontecendo sempre, é a triunfante auto-realização da perfeição de Deus; Boehme via o universo como um grande processo alquímico, uma retorta destilando perpetuamente os metais para transmutá-los em ouro celestial.

O Dr. Balthazar Walter, que fez numerosas viagens durante sua vida, permanecendo inclusive seis anos entre os árabes, os sírios e os egípcios, para aprender com eles a verdadeira sabedoria oculta, sustentava que havia encontrado alguns fragmentos dessa ciência aqui e ali, mas em nenhuma parte ela era tão profunda, tão pura, como a de Jacob Boehme, este homem simples, esta pedra angular rejeitada pelos sábios dialéticos e pelos doutores metafísicos da Igreja. Por isso deu-lhe o nome de "Philosophus Teutonicus" (Filósofo Alemão) tanto para distingui-lo das outras nações, como para evidenciar suas eminentes qualidades entre

seus compatriotas, tendo em vista que fora sempre muito austero em sua conduta e sempre levava uma vida cristã, humilde e resignada.

A morte de Boehme ocorreu em um domingo, 20 de novembro de 1624. Antes de uma hora, Boehme chamou Tobias, seu filho, e perguntou-lhe se não havia escutado uma maravilhosa música. Pediu-lhe, então que abrisse a porta do quarto, para que a canção celest-

al pudesse ser melhor ouvida. Mais tarde perguntou que horas eram, e quando lhe responderam que o relógio havia soado as duas horas disse: "Ainda não chegou a minha hora, mas dentro de três horas será a minha vez". Depois de uma pausa, falou de novo: "Ó Deus poderoso, salva-me, de acordo com Tua Vontade". E outra vez disse: "Tu Cristo crucificado, tem piedade de mim e leva-me contigo ao teu reino". Deu então, à sua esposa certas instruções com referência a seus livros e outros assuntos temporais, dizendo-lhe também, que ela não sobreviveria por muito tempo (como de fato ocorreu e, despedindo-se de seus filhos, disse: "Agora entrarei no Paraíso". Então pediu a seu filho mais velho, cujos olhos pareciam prender Boehme a seu corpo, que se virasse de costas e, com um profundo suspiro, sua alma abandonou o corpo, indo para a terra à qual pertencia; entrando naquele estado que só é conhecido por aqueles que fizeram da Iniciação, o motivo de sua existência.



Túnulo de Jacob Boehme em Görlitz

Os Quatro Corpos do Homem - Denis Labouré

Quem somos ?

"Quando se pede ao homem que vive sob a pressão constante da vida contemporânea que volte seu olhar para si próprio, ele responde, geralmente, que não tem tempo para entregar-se a semelhante exercício. Sim se insiste e ele concorda, na maior parte dos casos, diz que não vê nada. Névoa. Obscuridade. Nos casos mais raros, o observador percebe algo que ele não conseguiria definir; isso muda o tempo todo"

Boris Mouravieff, *Gnôsis*, (tomo 1), La Baconnière, Neuchâtel (Suíça), 1969.

Nesta linha, Boris Mouravieff mostra que o homem é um conglomerado de vários componentes misturados de maneira confusa e inextricável. A quantidade desses componentes varia segundo as escolas. As vias de origem judaica e cristã têm predileção pela divisão em três: Corpus, Anima, Spiritu. Vias alquímicas, gregas ou orientais preferem uma divisão em quatro ou cinco; sendo os quatro elementos em geral coroados pelo quinto, de onde proveem. O hermetismo alexandrino privilegiou o setenário; as sete vestimentas adquiridas pela alma por ocasião de sua descida pelas esferas planetárias [Descrevi a divisão setenária em "Le ciel dos astrologues", in *Les origines de l'astrologie*, éditions du Rocher, 1997]. Perguntar-se qual é o "verdadeiro" número de corpos é estéril. Qualquer enumeração, qualquer descrição é uma ferramenta pedagógica sem realidade objetiva. A classificação dos meus documentos em arquivos é real, não é "verdadeira". Uma classificação diferente poderia substituí-la. Mas sem classificação, não encontraríamos os papéis procurados. A Árvore da Vida proposta pela Cabala contemporânea possibilita compreender diferentes aspectos do universo, porém o universo não tem a forma de uma Árvore da Vida. O mapa das estradas não é a estrada.

Quer se trate do quatro ou do sete, o modelo do mundo proposto pela astrologia é respectivamente a

chave. No decorrer desta exposição, exploraremos a divisão quaternária, herdeira do modelo antigo do mundo. Ela foi transmitida até nós pelo hermetismo e pelas suas três ramificações: a magia, a astrologia e a alquimia. Também surge a partir da entrada do candidato na franco-maçonaria e Giuliano Kremmerz (1861 -1929) apoiou seu ensino nela. O astrólogo encontrará aqui a chave perdida dos quatro elementos sobre os quais ele funda uma grande parte de sua interpretação.

O céu dos astrólogos

Segundo a visão de mundo herdada da Grécia antiga e que sobreviveu até Copérnico, o universo compreende duas regiões heterogêneas: o mundo inferior e o mundo superior.

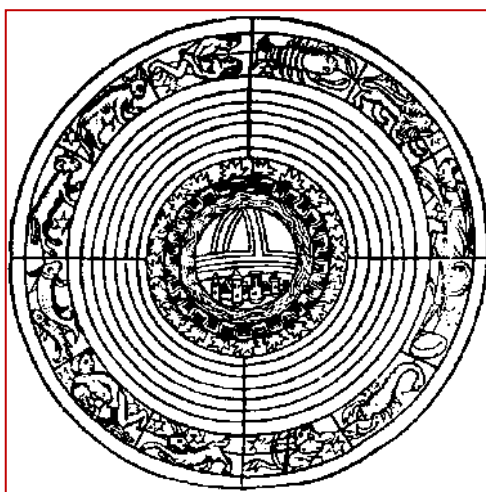
O mundo inferior

Entre o centro da Terra e a esfera da Lua reinam a geração e a corrupção. Aí tudo nasce, cresce, declina e morre. As eventualidades do acaso colocam, sem cessar, em questão os equilíbrios que resultam da natureza das coisas. À medida que se sobe, vai-se do mais grosseiro ao mais sutil. Em torno do centro da Terra (e do mundo) e até a esfera da Lua se agrupam, sucessivamente, os mais pesados corpos terrestres. Acima, os que são compostos principalmente de água, como os mares e os oceanos; em seguida aqueles em que predomina o ar, como a atmosfera e as nuvens; além, aqueles cuja natureza é sobretudo de

fogo, como a luz que nos ilumina. Os corpos situados entre a Terra e a órbita da Lua, chamados de "sublunares", são mistos: são formados da mistura dos quatro elementos: a terra, a água, o ar e o fogo, que se transformam uns nos outros. O homem não é uma exceção.

O mundo superior

O mundo que se estende além da esfera da Lua cruza com aquele em que vivemos. Tudo aí parece regido por leis imutáveis (Não descrevemos aqui o modelo

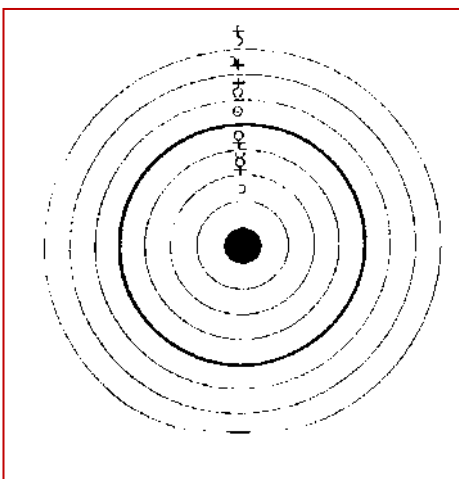


À medida que se sobe, vai-se do mais grosseiro ao mais sutil. Em torno do centro da Terra e até a esfera da Lua se agrupam, sucessivamente, os mais pesados corpos terrestres; acima, os que são compostos principalmente de água; em seguida, aqueles em que predomina o ar, e, enfim, a luz que nos ilumina, expressão do fogo. (Gravura do *Calendrier des Bergers*, 1493)

do céu que a astronomia contemporânea propõe. Esse modelo não resulta da experiência humana, mas de uma análise técnica, fisicamente exata. Descrevemos aqui o céu dos astrólogos, de natureza diferente, ele exprime a experiência subjetiva do homem, o universo em que ele vive). Os corpos celestes ocupam para sempre o lugar que lhes determina sua imperturbável revolução. O espaço aí parece homogêneo, isento das perturbações atmosféricas que nós conhecemos. A matéria que preenche essas regiões não está submetida às variações que caracterizam aquela cuja experiência temos. Os corpos situados além da órbita lunar são formados de uma "quinta essência" da qual sua denominação, éter (do grego tein aei, correr sempre), deriva do fato de estar sempre em movimento. Essa matéria não é, por natureza, nem terrestre, nem ígnea, nem pesada, nem leve. Imponderável e escapando a qualquer definição, ela forma os orbes sólidos que constituem os diferentes céus. Esses sete céus são, por excelência, o centro das coisas eternas e incorruptíveis, seu movimento só revela sua imutabilidade.

Os quatro corpos

O ser humano se constitui na imagem desse mundo sublunar no qual ele evolui. Os quatro elementos que o compõem formam outros tantos "corpos" intrinsecamente ligados; do mais escuro, o corpo de Terra, ao mais luminoso, o corpo de Fogo; ou do mais denso ao mais sutil. (Em sua introdução ao Bardo Thödol, o Livro tibetano dos Mortos, o Dr. Evans Wentz cita o Lama Kazi Dawa Samdup, tradutor deste texto. Como não ficar surpreso com a similaridade dos ensinamentos? "Na primeira fase de nosso Planeta, um único elemento era evoluído: o fogo. Na névoa de fogo que, segundo a lei kármica que governa o Samsara ou o Cosmos, se põe em movimento rotativo e se torna um corpo globoso fosforescente de forças primordiais não diferenciadas, todos os outros elementos permaneceriam em embriões. A vida se manifestou, primeiramente, revestida de fogo, e se o homem existisse nesse momento, ele possuiria (como se acreditava que ocorresse com as Salamandras do ocultismo medieval) um corpo de fogo. Na segunda evolução, como o elemento fogo assumia uma forma definitiva, o elemento ar se separou dele e cercou o embrião do planeta como a casca cobre o ovo. O corpo do homem e o corpo de qualquer criatura orgânica foram, então, compostos de fogo e de ar. Na terceira evolução, que é a que



Além da zona ígnea, o começo das regiões em que a mudança cessa. A matéria que as preenche não pode estar submetida às variações que caracterizam aquela cuja experiência temos. Esta "quinta essência" forma os orbes sólidos que constituem os sete céus.

dura até hoje, com o ar e o fogo neutralizando o efeito de seu parente fogo, este produziu o elemento terra que o cercou"). Não é necessário imaginá-los como bonecas russas cada vez mais etéreas encaixadas umas nas outras, são estados que resultam de uma experiência. Quando um neófito se propõe à transmutação interior, age sobre a cor negra própria da Terra, do chumbo obscuro e de Saturno. Em seguida, ele encontra o branco da Lua ou da Água, o vermelho de Mercúrio e do Espírito. Seu caminho culmina no Fogo e na cor ouro do Sol (Por mais tempo que o homem esteja amalgamado à entidade da Terra, ele só conhece o aspecto "Terra" das coisas e dos seres, seu aspecto sensível e corporal. E o fogo, o ar e a água dos quais ele pode falar quando observa a natureza não são os elementos Fogo, Ar e Água em si mesmos, mas sua expressão através do elemento Terra. Com a

consciência extraída do corpo físico e centrada na entidade lunar, ele conceberia cada coisa com a aparência da água. Ele perceberia o Fogo e o Ar tais como se exprimem através do elemento Água. Ele conheceria na entidade de mercúrio o Fogo tal como ele se exprime através do elemento Ar. Enfim, em seu centro reintegrado na entidade solar agiria a Vara de Hermes no contato da qual tudo se transmuta para a condição de Ouro). Na alquimia operativa, a cada uma de estas cores corresponde uma fase da obra que resulta no princípio correspondente. Este simbolismo também está ligado aos quatro reinos da natureza, considerados como símbolos e aparecimentos de forças correspondentes.

Na entidade terrestre, o homem carrega em si o reino mineral; na entidade aquosa, o reino vegetal; na entidade aérea, o reino animal para não mais representá-lo senão a si próprio na entidade ígnea (Onde a substituição da cor verde da vegetação pelo branco, em alguns autores). Um desenho, tomado de empréstimo de Giuliano Kremmerz, será útil para compreender a posição de cada corpo.

Antes de ir adiante, vamos consagrar alguns minutos a uma pequena experiência. Preparar um ovo cozido duro. Deixá-lo esfriar, em seguida estudá-lo com atenção. A casca é a imagem do corpo terrestre, o branco a imagem do corpo aquoso, a membrana que mantém a coesão do amarelo é a imagem do corpo aéreo, o amarelo é a imagem do corpo ígneo. Retirando-se a

casca, observar como o branco está colado nela. Indo mais além, observar como o amarelo e sua membrana formam apenas um único corpo. Essa recorrência ao ovo para ilustrar os quatro corpos não é nova, como demonstra a imagem que se segue, tomada de empréstimo de "A Mônada Hieroglífica" de John Dee. Algumas palavras de John Dee e de Giuliano Kremmerz a comentam.

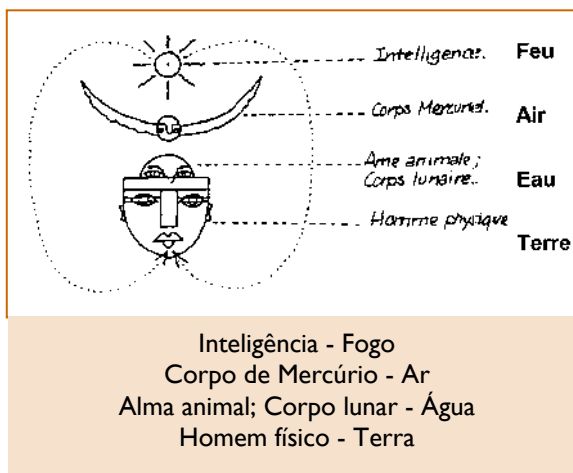
O corpo terrestre

No ser humano existe uma entidade terrestre chamada "Saturno", comum aos minerais, aos vegetais e aos animais. Nela, age a força da Terra que determina e rege a modalidade pesada, dura e tangível do corpo animal, nosso "Chumbo". Os antigos falavam desse "Chumbo negro" como a base da substância. Os ossos, as cartilagens e os tecidos córneos são sua imagem mais aproximada. Os sistemas orgânicos (ósseos, nervosos, sanguíneos) relacionados com as entidades diferentes não são essas entidades, mas sua manifestação, sua imagem no seio da entidade terrestre. Essa entidade se revela como uma força devoradora, raiz de toda e qualquer sede e de toda e qualquer cobiça. Para compreender, basta observar o comportamento de um grão posto em contato com a água. Os textos alquímicos muitas vezes descrevem a

aridez ávida da "terra seca". Ela se alimenta da terra e das sensações com as quais entra em contato; educação, o meio mais imediato. Matriz dos corpos, ela é o "fixo" por excelência. Cada criança que nasce vem ao mundo num corpo, através dessa matriz. É, por isso, um condenado à morte em potencial. A matriz do corpo terrestre é o deus que devora os seres após havê-los engendrado. Heis o duplo aspecto de Saturno, rei da idade de Ouro e devorador de seus filhos.

Os dois corpos que seguem são dois aspectos da "alma". O primeiro é determinado por seu contato com a entidade terrestre, o segundo por seu contato com a entidade luminosa. O hermetismo adere, aqui, à descrição do homem proposta por Orígenes. Orígenes encontra no mais íntimo do homem o espírito (*pneuma, spiritus*) que na verdade não faz parte da personalidade do homem: corresponde em certa medida à graça santificadora. Os elementos próprios à natureza humana são a alma (*psychè, anima*) e o corpo (*soma, corpus*). Ocorre que a alma está dividida em duas ten-

dências: uma que pertence ao espírito e que Orígenes em geral chama de "faculdade principal da alma" ou muito simplesmente "coração"; outra que pertence ao corpo e às coisas deste mundo e que Orígenes chama de "pensamento da carne". Assim, a alma se encontra numa posição mediana, entre Deus e as coisas deste mundo. A parte superior da alma (*noûs, mens*) se encontra naquilo a que ele chama "o homem interior". É no homem interior que se localiza a sede das virtudes e a totalidade da inteligência e da ciência, que se opera a renovação da imagem de Deus. "Aquele que foi feito à imagem de Deus, é o nosso homem interior, invisível, incorpóreo, incorruptível e imortal. Pois é por essas qualidades que se reconhece mais exatamente a imagem de Deus". Orígenes distingue freqüentemente o "homem interior" do "homem exterior". Certamente, toma essa terminologia de São Paulo, mas ela estava igualmente muito espalhada na filosofia da época, encontrando sua origem em Platão e Plotino. O homem interior é aquele que contempla Deus; nele reside a participação na imagem de Deus. Ele chama essa parte da alma de "principale cordis nostri". O exterior é atraído pelo corpo; é o princípio das paixões e a sede do conhecimento. Torna-se "amigo da matéria corporal".



O corpo aquoso

Nós temos uma entidade aquosa, fluida, solúvel, chamada "Lua". É preciso repor-

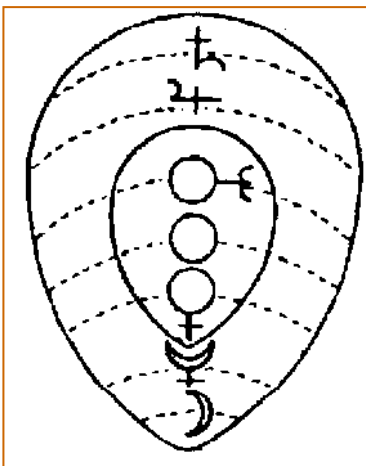
tar-se à noção do duplo: o "sopro dos ossos" do esoterismo hebraico, o "corpo sexual" dos hindus, etc.. Ela desempenha o papel de substrato de tudo o que é orgânico, fisiológico e de todas as forças e funções vitais. Veicula as características da linhagem, o poder e os limites dos ancestrais. Dobra o invólucro de carne que ela ajuda a manter em atividade por uma rede sutil de distribuição de energia. Essa entidade aquosa é imaginada pelo sistema nervoso e glandular branco, através do qual ela exerce uma influência formadora. Representa o limiar da consciência pelo qual o exterior penetra no interior. É a sede da imaginação, o espelho em que se refletem as fantasias e os desejos provenientes de nossas percepções sensoriais. Aderente ao corpo, ela recebe as impressões dos sentidos, as separa, as reconstitui, as funda, as alimenta. Ela as restitui à entidade terrestre que, muitíssimas vezes, esquece que é a sua origem, as aceita e torna-se-lhes o ministro ou a vítima. A existência desse corpo lunar é facilmente palpável. Por vezes, num sono consciente, o corpo parece estender-se ou contrair-se. Neste

estado particular, ouvem-se ruídos, músicas e por vezes algazarras que parecem provir da rua, mas que se calam instantaneamente ao menor apelo a si mesmo. Aí se experimenta o desdobramento, mas, diferentemente das obras do ocultismo vulgar, o iniciado sabe que nessas viagens ele só explora a cópia, o fac-símile do mundo em que ele se move quotidianamente. A consciência que ele tem de si próprio lhe dá um gosto antecipado da consciência lunar, a que subsiste provisoriamente, depois da morte do corpo terrestre. No capítulo XII do *Commentaire sur le songe de Scipion*, Macróbio trata da descida da alma através das sete esferas planetárias. O que ele diz da esfera da lua se aplica indiretamente a esses desenvolvimentos sobre o corpo lunar;

"Essa esfera lunar, que é a última e a mais baixa em relação aos corpos divinos, é a primeira e a mais alta em relação aos corpos terrestres. Esse corpo lunar, ao mesmo tempo que é tal qual o sedimento da matéria terrestre, se encontra como a mais pura substância da matéria animal".

Mas esse suporte de matéria astral, esse fantasma, é capaz de sobreviver à morte? Muitos vêm nas experiências de desdobramento a prova da imortalidade da alma. Ocorre que a imortalidade da alma é para todos uma crença estranha da qual só se encontram poucos traços nas tradições. Os ensinamentos antigos distinguem geralmente a verdadeira imortalidade da simples sobrevivência. Que o corpo lunar sobreviva ao corpo de Terra, o que alguns fenômenos (espiritismo, obsessões) parecem mostrar, não implica em que o primeiro seja imortal. Após a morte do corpo de Terra, o ser humano sobrevive durante um tempo bastante breve através do seu corpo lunar (Água). No decorrer desse período, a consciência de um homem pode sentir-se exteriorizada, ver o corpo estendido como morto, atravessar túneis escuros ou contemplar seres luminosos. Contudo, a desagregação do corpo terrestre arrasta com ela a do seu duplo. Quando o posto central que controla suas saídas no "astral" é destruído pela morte, a cápsula astral atrelada - para retomar a expressão de Jean-Louis Siémons - caminha para a sua dissolução. Se o adepto pode pretender à imortalidade (segundo várias linhagens greco-

egípcias, herméticas ou pitagóricas, a imortalidade consciente se adquire. Não pela adesão a uma crença ou pelo respeito a uma moral, mas pela participação na natureza olímpica de um deus. Somente a ressurreição de Osiris garante ao egípcio a possibilidade de atravessar a segunda morte. Somente a união ao corpo de Cristo ressuscitado assegura ao cristão a ressurreição da carne num corpo glorioso. O iniciado que trabalha para atingir essa participação não terá a sina póstuma do profano. O primeiro pode esperar alcançar o mundo dos deuses. O segundo pode, no máximo, sobreviver no mundo das sombras. Escapando das Escola de Mistérios, esse segredo sacerdotal se vulgarizou por intermédio de um cristianismo simplificado, a ponto de um ser humano não batizado não ter nenhuma chance de ser salvo. Como muitos, aprendemos que uma criança morta antes de ser batizada não podia entrar no paraíso, mas ia para o limbo!), o profano, em contrapartida, perde sua personalidade, de resto já ilusória durante sua vida. Para o embrião que sobrevive (Fogo + Ar), resulta um estado de inconsciência - o lethe - o rio do



"Aqui advertidos, que os miseráveis alquimistas aprendam, portanto, a reconhecer seus numerosos erros, e que compreendam o que é a água do branco do ovo - o que é o óleo do amarelo do ovo ou a casca calcária dos ovos..." (John Dee)

"A superfície do ovo não tem começo nem fim. É o símbolo da eternidade da vida... O ovo é como a Arte. Para chegar ao amarelo do ovo que encerra em si mesmo a qualidade ígnea e do ouro, é necessário utilizar a força da vontade; para quebrar a casca, a prisão saturnina, e para penetrar no albúmen, símbolo das qualidades anímicas e de mercúrio." (Giuliano Kremmerz.)

esquecimento, mais ou menos total. Se a consciência desse homem estava, como ocorre na maioria das vezes, centrada no corpo de Terra e de Água, a inconsciência, em compensação, é total, reduzida a uma vida de larva até a purgação da alma, a morte lunar (Segundo Giuliano Kremmerz, essa vida inconsciente continua até o eventual retorno da alma num corpo humano no qual ela é chamada a germinar, como o grão na terra, retirando-lhe a força necessária à sua nova expansão). Essa dissolução da sombra corresponde àquilo a que se chamava a segunda morte (A tradição egípcia utiliza precisamente a expressão "duas vezes morto" para aqueles que são condenados no julgamento *post-mortem*. Eles acabam por tornar-se a presa do monstro do mundo inferior, Amã (o Devorador) ou Ammit (o Comedor dos mortos). Cf. W. Budge, *Book of the Dead*, Papyrus of Ani, 1895, pp. CXXX, 257; e o texto c. XXXb onde está dito: "Possa não ser dado ao devorador Amemet prevalecer sobre ele (o morto)" e cap. XLIV, I, seg. onde são dadas as fórmulas "para não morrer uma segunda vez no outro mundo"). Ninguém consegue descrever por experiência própria essa misteriosa inconsciência de além-

túmulo sem apelar para crenças ou para a imaginação, assim como não consegue lembrar-se mais de ter dormido oito horas de sono profundo depois de um árduo trabalho. Essa segunda morte é descrita por Plutarco no *De Facie in Orbe Lunae* ("Das mortes que nós morremos, a primeira reduz o homem de três princípios a dois (a *psychè* e o *nous*); uma ocorre na Terra, que pertence a Deméter (...) e a outra na Lua, domínio de Perséfone (...). Enquanto aqui embaixo, a deusa dissocia a alma (*psyquè*) do corpo (*sôma*) pronta e violentamente, Perséfone procede docemente para destacar o **Si** (*nous*) da parte psíquica (...). Cada uma dessas duas separações se produz de maneira natural."). Em 1930, ensinamentos similares eram ministrados nos graus mais altos do rito maçônico de Misraim. ("A alma não se dá conta da morte: du-

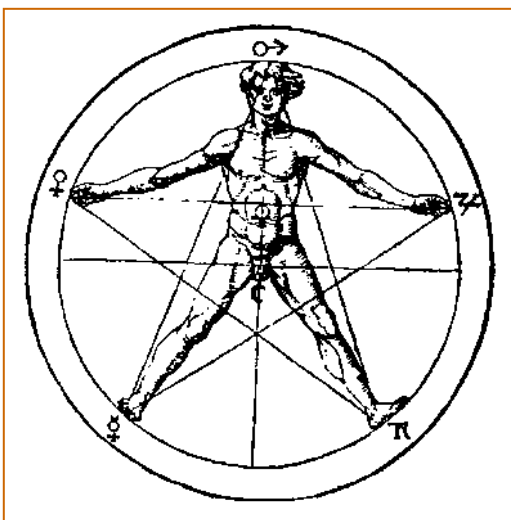
rante um tempo ela flutua num semi-sono com todos os pensamentos conscientes de seus últimos momentos terrestres. Ela permanece ligada ao corpo (...). Pode-se ativar sua libertação praticando sobre ela ritos libertadores (...). Então, ela erra na atmosfera terrestre, depois cai no cone de sombra da Terra, que é a estada das almas desencarnadas. Mas todos os meses a Lua atravessa esse cone de sombra e traz consigo as almas em sofrimento (...). Há, em torno da Terra, um cemitério astral onde erram não somente as almas muito materiais ainda ligadas por um cordão umbilical aos seus restos físicos, mas também os "duplos" dos animais mortos nos abatedouros e das bestas que povoam a terra e a cercam com um enxame agressivo, feroz e maléfico. São essas forças maléficas que os agonizantes amedrontados, os experimentadores temerários das práticas de baixa magia e os seres anormalmente sensíveis a ambientes magnéticos percebem..." *Secrets oraux du 88 ème degré de Naples, Rite de Misraïm ou d'Égypte, Régime de Naples, Syllabus n°4 - Secreta Napolitana*. Curso professado em 1930 por Armand Rombauts e publicado em série na revista *L'Esprit des Choses*).

O corpo aéreo

Ele prolonga nessa vida o caráter, o programa que se modelou lentamente nas experiências pelas quais passou até então pela linhagem ancestral ou por eventuais vidas anteriores. Esse corpo de vida ou de sopro parece sempre idêntico a ele próprio. Ele é a "vida da

vida", algo de imaterial e de simples que, ao penetrá-lo e animá-lo, faz do corpo uma entidade. Para compreender a natureza do corpo aéreo, reportemo-nos a Cornelius Agrippa:

"A alma humana é uma luz divina, à imagem do verbo, causa das causas, criação exemplar, vinda antes de qualquer coisa. É criada da substância de Deus, carrega seu selo e o verbo eterno é o caráter sagrado que ela carrega inscrito. A alma humana é uma substância divina, indivisível, presente toda inteira em cada parte do corpo. Foi feita por um autor incorpóreo e suas propriedades advêm das virtudes de seu criador, não da matéria... Desde sua descida do céu, ela cobre um corpo de ar a que se chama veículo etéreo da alma ou



"Nós estamos todos em posse do instrumento alquímico, o grande e único atamor que responde à separação do sutil e do volátil. Esse instrumento completo como o mundo, preciso como a matemática, é representado pelos sábios sob o emblema do pentagrama ou estrela de cinco pontas, que é o signo absoluto da inteligência humana. Seguirei o exemplo do sábio abstendo-me de nomeá-lo: é muitíssimo fácil adivinhá-lo." Eliphas Lévi

o carro da alma (Lembrar-se-á de Elias, erguido ao céu num carro de fogo (2 Reis 2 : 11)). Esse intermediário, por ordem de Deus, que é o centro do mundo, se encontra colocado no meio do corpo, no centro do coração humano. Ela desce aí e, a partir desse ponto, se espalha por todo o corpo humano, por todas as suas partes, por todos os seus membros. Quando ela junta seu carro ao calor natural, faz essa junção por intermédio do calor do espírito vindo do coração. Ela circula nos humores, comunica-se aos membros e, embora esteja igualmente próxima de todos os membros, passa de uns para outros, espalhando-se de um a outro. Do mesmo modo, o calor do fogo aproximado do ar e da água se comunica com a água por intermédio do ar. Nós vemos como a alma imortal está encerrada num corpo material e mortal por intermédio de um pequeno invólucro imortal: o veículo

etéreo."

Na existência do ser humano, esse corpo se cobre com o corpo lunar, da entidade aquosa. Quando ele atinge um grau suficiente de independência do corpo físico, é comparado à íbis, o pássaro sagrado (A íbis, em sua forma branca, *ibis religiosa s. aethiopica* ou *threskiornis aethiopica*, era venerada pelos egípcios antigos. Hoje, está quase extinta no Egito. Originalmente, recebeu um culto no 15º nome de Baixo-Egito, mas se tornou rapidamente o animal sagrado de *Thot*, do qual é uma das duas formas de encarnação - a outra é o babuíno. Múmias de íbis foram encontradas aos milha-

res nos locais santos e em várias necrópoles). Kremmerz chama de Mercúrio (o planeta) a essa entidade fluida mais sutil, mais imaterial do que o corpo aquoso. Como o fogo em contato com a água forma o estado gasoso ou aéreo, devemos reconhecer o mesmo em sua correspondência com o elemento Ar, parada do puro poder do Fogo (O Fogo é representado por um triângulo. O Ar é representado pelo mesmo triângulo, porém riscado). Essa entidade é conduzida pelo sangue, mistura de Água com Fogo, elementos que enquadram o Ar. O sangue veicula o calor vital ou animal. O Ar assegura o movimento.

O corpo luminoso

Nós temos uma entidade luminosa, que é o Sol e o Ouro no homem. Ela é o centro, o princípio de uma estabilidade espiritual radiante. É a origem primeira de tudo o que acontece, por intermédio dos dois aspectos da alma, até o conjunto telúrico para movê-lo e garantir-lhe a vida. Sua luz brilha nas trevas do corpo terrestre, assim como ela brilha no Gabinete de Reflexão dos ritos maçônicos. É o noûs da concepção olímpica helênica. É o "Fogo do Fogo", o "Fogo da Pedra" dos textos alquímicos árabes. É "a alma de pé e não caída" de Agrippa. É aquilo que o Corpus Hermeticum chama de: "a essência imaterial, não é mutável em coisa alguma, nem para coisa alguma, nem por coisa alguma, visto que é uma força primeira, e o que a precede não necessita do que se segue", "tendo, a essência, seu fim em si mesma".

Rumo à Grande Obra

O homem comum é um composto dos quatro elementos, desses quatro corpos que se interpenetram nele. Ele não tem uma clara consciência de cada um, distinto dos três outros. Ser-lhe-ia difícil explorar o corpo de Fogo distinguindo-o do corpo de Água. Eles se encontram confundidos num inextricável caos, num magma informe. Tal é o estado impuro das misturas, tal é a obscuridade do cofre em que Seth encerrou Osíris, imagem do corpo solar, ou a sepultura de

Mestre Hiram, sua versão maçônica.

O atanor

Segundo os manuais de alquimia, as operações - separação, purificação e reunião dos corpos - são efetuadas num alambique chamado atanor. Eliphas Lévi descreve de que se trata realmente: "Nós estamos todos em posse do instrumento alquímico, o grande e único atanor que responde à separação do sutil e do volátil. Esse instrumento completo como o mundo, preciso como a matemática, é representado pelos sábios sob o emblema do pentagrama ou estrela de cinco pontas, que é o signo absoluto da inteligência humana. Seguirei o exemplo do sábio abstendo-me de nomeá-lo: é muitíssimo fácil adivinhá-lo."

Como os outros sábios, Bernard de Trévisan precisa que a Grande Obra não é efetuada por meio do fogo comum. É a essência do fogo (em mau hebraico de alquimista Eth Hanour), manifestada no corpo humano e suas contrapartidas mais sutis. O atanor é o organismo humano, mais particularmente o estômago, de forma ovóide. É por isso que os alquimistas definem o atanor como "um forno que se auto-alimenta e dirige, no qual um calor igual é mantido." Pela atividade química que se produz entre a mastigação e o fim da digestão estomacal, as formas sólidas são dissolvidas (solve). A essência liberada pela dissolução do sal se mistura com enxofre, na realidade com o sangue. Aí, ela urde e alimenta o crescimento do

mercúrio, o soma psychikon, o corpo glorioso. O vestido das núpcias substitui a túnica de escravidão e se torna o veículo através do qual o homem entra na natureza superior, após ter vencido a vida inferior e a morte.

A Via da transformação

Os processos que levam esse corpo de luz à sua última perfeição diferem nas linhagens tradicionais. Um monge bizantino não empregará a pedagogia, a imagem e os procedimentos de um taoísta chinês ou de um alquimista latino. Tomaremos, entretanto, como exemplo um procedimento proveniente da alquimia



"Se dos quatro vós deixardes que um pereça, todos morrerão." (Michaël Maier, *Atacanta Fugens* (1617, *Emblema XIX*).

Não se deve desprezar nenhum dos corpos. Não se obtém essa separação mortificando, destruindo o corpo de Terra. Se eu quebro o ovo que a galinha choca, não tenho chance alguma de ver o pintinho nascer um dia.

ocidental. É interessante por apoiar-se no modelo astrológico do mundo. Abre-se por uma fase preliminar em que, do equinócio da primavera ao solstício do inverno (No calendário das festas cristãs, esse período cobre os nove meses de gestação de Cristo, da Anunciação ao Natal), o alquimista se prepara para as seguintes operações: o pequeno e o grande magistério.

O pequeno magistério

A primeira etapa do trabalho hermético, o pequeno magistério, consiste em separar os quatro corpos (Solve), em depurá-los e em seguida uni-los novamente (Coagula). No ovo, vimos como o branco estava colado na casca. Nesta primeira etapa, trata-se de emancipar a forma sutil de vida (Fogo + Ar + Água) do corpo terrestre (De acordo com o comentário de Proclus sobre A República (II, 296, 7-11), anjos decapam a alma cortando a matéria; de acordo com o comentário sobre o Timeu, eles apagam, assim "as nódoas provenientes da geração" (I, 155, 32 ; 221, 30-31 ; III, 300, 18 ; cf. In Cratyl. 71, 18) e "interrompem as investidas abusivas da matéria" (I, 38, 2-3)), a fim de tornar inofensiva a morte física quando ela se apresentar. Mais simplesmente, se o conteúdo de minha consciência depende de meu estado hormonal e nervoso, a morte física a esvaziará do essencial de seu conteúdo. Por isso, o corpo aquoso (colado aos corpos ígneo e aéreo) deve adquirir uma autonomia maior. Com o êxito dessa separação, o corpo aquoso grava sempre as percepções dos sentidos, mas nenhuma ressonância afetiva e emotiva lhe responde mecanicamente. O próprio corpo terrestre tirará benefício disso - por uma melhora da saúde - pois não será mais vítima das reações incessantes do corpo aquoso.

"Torne o espírito independente do corpo e o corpo voltará a florir", escrevia Giuliano Kremmerz pensando no corpo lunar cujas origens e vida são o corpo terrestre.



A imagem hermética, retomada pelos ritos maçônicos, não diz outra coisa; morto por Tífon, nosso Pai Osiris está mumificado em seu sarcófago no mais profundo de cada homem. Ele é a raiz de um corpo glorioso que só ressuscitará com o auxílio de nossa sábia Mãe Ísis, cujas lágrimas são um bálsamo de vida. Morto pelos três malvados companheiros, o Mestre Hiram renasce no seio de um novo Mestre.

Que significa concretamente a palavra "separação"? Tomemos como exemplo aquela à qual devemos proceder em primeiro lugar. Diz respeito à distinção entre os corpos terrestre e aquoso. Já, a educação ocidental leva ao cumprimento das funções mental e animal de maneira independente. Comer lendo, dirigir prestando atenção no rádio são dois exemplos correntes da separação inconsciente desses dois corpos. Quando bebemos dois ou três copos de um bom vinho, sem exagero, sentimos a embriaguez invadir pouco a pouco o nosso corpo sem que a qualidade do pensamento fique alterada por isso. Somos a testemunha objetiva de uma alteração do corpo terrestre, de suas percepções e de seus reflexos, sem modificação do corpo aquoso. As ascetes monásticas, sejam elas de obediência cristã, hindu ou budista, têm por fundamento exercícios de apelo a si mesmo, de silêncio (psíquico e físico), de domínio do sono. Assim, o silêncio do intelecto é uma das chaves da prece na Igreja bizantina. Por volta dos séculos VIII e X, Hesyquius o sinaita ensina que "O combatente deve, a todo instante, possuir... atenção, para proibir que seu coração encerre algum pensamento, quaisquer que sejam as suas boas aparências... Aquele que não tem a prece de pensamentos está desarmado para o combate..." A verdadeira prece se desenvolve sobre a eliminação das imaginações e pensamentos, mesmos os mais santos. "Mas tudo o que se mostra ao intelecto sob uma forma qualquer, luz ou fogo, provém das maquinações do adversário", nos previne Diácono de Foticeia (meados do século V).

Assim, o alquimista prepara sua primeira matéria, sua matéria prima. Não se deve desprezar nenhum dos corpos. Ninguém jamais obteve essa separação mortificando, destruindo o corpo de terra.

"Se dos quatro vós deixardes que um pereça, todos morrerão", lembra Michaël Maïer em a Atalanta Fugens. Se eu quebro o ovo que a galinha choca, não tenho chance alguma de ver o pintinho nascer um dia.

Estas operações correspondem à esfera sublunar, sede dos quatro elementos. Apoiam-se num calendário lunar (o trabalho se efetua em concordância com as fases da Lua).

O grande magistério

Uma vez realizado o pequeno magistério, a fênix (Fogo + Ar) pode renascer das cinzas (Terra + Água). A segunda etapa do trabalho hermético, o grande magistério, consiste em tecer um hábito de luz no homem. Antes que sobrevenham a primeira e a segunda morte, o iniciado deseja carregar aquilo que não é ainda senão um embrião de alma (Fogo + Ar), sua matéria prima, em sua maturidade. O que cresce nele é Hermes, o Cristo dos cristãos, alimentado pelo Mercúrio dos filósofos. No orfismo primitivo e no verdadeiro Pitagorismo, o homem se torna herói, o herói semideus, o semideus tornando-se deus ao término de uma transmutação em geral ilustrada pelos doze trabalhos de Hércules ou pelos doze signos do Zodíaco, pela travessia dos sete céus ou pela passagem pelos sete metais. Essa operação corresponde à parte do céu que se estende da esfera da Lua à esfera das estrelas fixas. Apoiase num calendário solar.

O deus morto e ressuscitado

A imagem hermética, retomada pelos ritos maçônicos, não diz outra coisa; morto por Tífon, nosso Pai Osíris está mumificado em seu sarcófago no mais profundo de cada homem. Ele é a raiz de um corpo glorioso que só ressuscitará com o auxílio de nossa sábia Mãe Isis cujas lágrimas são um bálsamo de vida. Morto pelos três malvados companheiros, Mestre Hiram renasce no seio do novo mestre restabelecido pelos dois Vigias. O restabelecimento de Osíris e o de Mestre Hiram fora de sua sepultura são duas imagens desse objetivo. A ressurreição de Cristo num corpo inalterável que as santas mulheres e os discípulos não reconhecem logo à primeira, substituirá os ensinamentos antigos.

Bibliografia

- Anônimo, O Bardo Thodol, Livro dos mortos Tibetano, Librairie d'Amérique et d'Orient Adrien Mai
- Boismard, Marie-Emile, Faut-il encore parler de



Cristo ressuscita num corpo inalterável de uma natureza particular. Como testemunham as Escrituras, as santas mulheres e os discípulos não o reconhecem logo à primeira vista. Ele aparece e desaparece aos olhos dos discípulos em locais fechados. Os peregrinos de Emaús reconhecem-no pelo gesto da partilha do pão. Tomé só o reconhece depois de ter tocado nas chagas.

- "résurrection"?, Cerf, Paris, 1995.
- D'ansembourg, Jean-Marie, Les gnoses et la Gnose, in L'Esprit des choses, CIREM.
- Dee, John, La monade hiéroglyphique, Sebastiani, Milão (Itália), 1975.
- Diversos, La Magie (Textos traduzidos e apresentados por Pascal Charvet e Anne-Marie Ozanam)
- Evola, Julius, La tradition hermétique, Éditions Traditionnelles, Paris, 1988.
- Evola, Julius, Le Yoga tantrique, Fayard, Paris, 1971.
- Evola, Julius, Révolte contre le monde moderne, Les éditions de l'Homme, Ottawa (Canadá), 1972.
- Garcia, Jaime, Origène et la montée spirituelle, in revista Connaissance des Pères de l'Église, éditions Nouvelle Cité, Montrouge, Junho 1996.
- Kremmerz, Giuliano, Corpus Philosophicum Totius magiae, tradução particular.
- Kremmerz, Giuliano, Introduction à la science hermétique, Axis Mundi, Paris, 1986.
- Labouré, Denis, De Cagliostro aux Arcana Arcanorum, in L'Originel n° 2, Paris, 1995.
- Labouré, Denis, Initiation à la Magie, Charles Antoni/L'Originel, Paris, 1994.
- Labouré, Denis, Les origines de l'astrologie, Le Rocher, Mônaco, 1997.
- Labouré, Denis, Petite histoire des rites maçonniques égyptiens, chez l'auteur, Saint-Etienne, 1996.
- Macrobe, Le commentaire sur le songe de Scipion, Arché, Milão (Itália), 1979.
- Mouravieff, Boris, Gnôsis (primeiro tomo), A la Baconnière, Neuchâtel (Suíça), 1969.
- Rossini, Stéphane, e Schumann-Antelme, Ruth, Nétèr, dieux d'Égypte, Trismégiste, Lavour, 1992.
- Siémons, Jean-Louis, Mourir pour renaître, Albin Michel, Paris, 1987.
- Tourniac, Jean, Vie posthume et résurrection, Dervy, Paris, 1983.

A Ordem Kabalística da Rose Croix (O.K.R.C.)

Origem da Ordem

Em 1884 o esotérico MARQUÉS STANISLAS DE GUAITA (1861-1897), com a idade de 24 anos, leu o "O Vício Supremo", escrito por Joséphin Péladan. A mística de Péladan atraiu a Guaita que se colocou em contato com ele. Guaita não só conheceu a Joséphin, como também ao irmão maior de Joséphin, chamado Adrian Péladan, de quem Bayard disse que estava conectado com uma Ordem da Rosacruz de Toulouse, dirigida por FIRMIN BOISSIN.

Stanislas de Guaita teve como secretário a OSWALD WIRTH, conhecido por publicar várias e importantes obras esotéricas. Guaita escreveu, sendo muito jovem, vários livros ocultistas: Em 1886 publicou "Ensaio das Ciências Malditas" e "No Umbral del Mistério". Em 1891 seu "Templo de Satán" e em 1897 a "Chave da Magia Negra". Ao morrer deixou uma obra inacabada "O Problema do Mal", que seria publicada recentemente em 1950 e graças as notas de seu secretário Wirth.

Em 1888 Stanislas de Guaita, com a idade de 27 anos, fundou a "Ordem Kabalística da Rosacruz", dirigida por um Conselho Supremo, composto por doze membros. Se conhece o nome de vários deles: Stanislas de Guaita, como Chefe Supremo; PAPUS (Gerard Encausse) restaurador do Martinismo; F.Barlet; Josephin Péladan que se separaria da Ordem Kabalística em 1890 para fundar a Ordem de la Rose+Croix; o abade Alta, cujo verdadeiro nome era Mélinge, cura de Morigny, na diocese de Versailles, Paul Adam, Gabrol y Thoron.

Mais tarde se uniram a eles Marc Haven (doutor Lalande) (1868-1926), Paul Sédir (Yvon Le Loup), Agustín Chaboseau, Lucien Chamuel e Maurice Barrès. Se conhece que nessa Ordem se valorizavam os conhecimentos de Eliphas Lévi, Fabre d'Olivet, Hoene Wronsky, Jacob Boheme, Emmanuel Swedenborg, Martinez de Pasquallys e Louis Claude de Saint Martin.

Todos os seus membros foram grandes esoteristas e místicos, que contribuíram ao conhecimento espiritual com diversas obras literárias, além de sua participação ativa em diversas ordens e fraternidades.

O Conselho Supremo da Ordem Kabalística da Rose Croix

Papus

O primeiro mentor do ocultismo contemporâneo e mais conhecido de todos. Nasceu em La Coruña em 13 de julho de 1865 e faleceu em Paris em 25 de outubro de 1916. Seu pai era francês e sua mãe espanhola. Se graduou em medicina em Paris em 1894.

Reconhece Papus haver tido vários Mestres no campo do oculto: Henry Delaage (1825-1882) no terreno do Martinismo. Papus foi iniciado uns meses antes que falecesse Delaage.; Peter Davidson (?) na tradição esotérica egípcia da misteriosa Irmandade Hermética de Luxor (H.B.L.), Saint Yves d'Alveydre (1842-1909) (quem não pertenceu a nenhuma Ordem) e o Mestre Philippe de Lyon (1849-1905), quem era recebido como Mestre em todos os grupos ocultos da época, porém que não revelava haver sido iniciado em nenhum. Papus afirma que seu verdadeiro e último Mestre foi Philippe de Lyon.

Papus esteve relacionado com a Sociedade Teosófica de Blavatzky, tornando-se membro em outubro de 1887 do ramo francês (S:T: Isis) da citada sociedade. Seus primeiros escritos esotéricos se publicaram na revista Teosófica "O Loto". Foi membro co-fundador da S.T. Hermes, em Paris, que sucedeu a S.T. Isis. Porém de pronto abandonaria a escola oriental para dedicar-se até o fim de seus dias a escola ocidental. Em 19 de maio de 1890, enviou sua demissão ao presidente da S.T. Hermes, e este, por sua vez, mandou uma nota em 7 de julho de 1890 al Coronel Olcott, Presidente de la S.T., para que expulsa a Papus da mesma.

Também foi membro desde sua criação e logo Presidente (sucendo a Albert Faucheux) do Conselho Supremo da Ordem Kabalística da Rose+Croix. Assim mesmo foi Presidente da Sociedade Magnética da França e chegou a ser Grão Mestre de vários ritos maçônicos. Revisou o rito maçônico da Estrita Observância Templária, estruturado por Jean-Baptiste Willermoz.

Foi cirurgião-mor durante a primeira Guerra Mundial e morre em 1916 ao cair de uma escada do Hospital de la Charité de Paris debilitado pela tuberculose que contraiu durante a guerra.

Suas principais obras esotéricas são: Tratado Metódico de Ciência Oculta (1891)- A Cabala (1892)- O Almanaque do Magista (1894)- Martinesismo, Willermosismo, Martinismo e Franco Maçonaria (1899)- O Iluminismo em França (1767-1774). Martinez de Pasqually (1902)- Tratado Elementar de Ciência Oculta (1903)- A Ciência dos Magos (1905) -Conferências Esotéricas (1908)- O Tarot Divinatório (1909)- Quiromancia (1909)- A Reencarnação (1912)

Postumamente se editam: ABC ilustrado do Ocultismo (1922)- O Taro dos Boêmios (1926)- Tratado Metódico de Magia Prática (1927)- Tratado elementar de ocultismo e astrologia (1936)- As Artes Divinatórias (1936)- A Tríade Iniciática (1936)- A Doutrina de Eliphas Lévi.

Francois Charles Barlet

Pseudônimo de Albert Faucheux (1838-1921). Foi o sucessor de Stanislas de Guaita como Grão Mestre da Ordem Kabbalística da Rose-Croix. Por sua vez foi sucedido por Papus. Este iniciado lutou pelo ressurgimento da astrologia tradicional na França. Foi também membro do Conselho Supremo da Ordem Martinista e pertenceu a Irmandade Hermética de Luxor. Conheceu ao Mestre Philippe em dezembro de 1898.

Publicou as seguintes obras: Deveres do Ocultismo (1893); Tratado de Astrologia Judiciária (1895); Saint Yves d'Alveydre (1900) y El Ocultismo (1909).

Emmanuel Lalande (Marc Haven)

Nasceu em 24 de dezembro de 1868 e faleceu em 31 de agosto de 1926. Um dos membros do Conselho Supremo da O.K.R.C. foi o médico EMMANUEL LALANDE conhecido com o pseudônimo de Marc Haven. Sua filiação esotérica se explica dizendo que foi ele esposo da filha do Mestre Philippe de Lyon, de quem fora discípulo Papus. A amizade entre ambos-Papus e Haven- era intensa. Marc Haven foi o padrinho do filho de Papus, Philippe Encausse, a quem Papus impusera o nome Philippe em honra a seu Mestre. Quando falece Papus em 1916, seu filho Philippe tinha apenas dez anos e Marc Haven se encarrega dele até os vinte anos. Pois Lalande falece em 1926, quando o filho de Papus já tinha vinte anos.

Sucedeu a Maurice Barrés como membro do Conselho Supremo da Ordem Martinista, na qual introduziu a mensagem esotérica do Mestre Philippe. Em 1893 foi iniciado como Doutor em Kábala por Papus e Stanislas de Guaita na O.K.R.C.

Marc Haven deixou varias obras esotéricas: Explicação inédita de uma prancha de Kunrath (1892); A vida e las obras do Mestre Arnoud de Villeneuve (1896) o evangelho de Cagliostro (1910); O Mestre desconhecido Cagliostro (1913), A Magia de Arbatel (póstumo,1946) e um Ritual da Maçonaria Egípcia, entre outras.

Paul Sedir

Outro membro do Conselho Supremo de la O.K.R.C.

foi Yvon Le Loup conhecido por seu pseudônimo de Paul Sédir. Nascido em 2 de janeiro de 1871 falecia no mesmo ano em que faleceu Marc Haven. Morre em 3 de fevereiro de 1926. Criou ao seu redor e em Paris um movimento cristão independente da O.K.R.C. ao que chamou "Las Amizades Espirituais".

Na França dirigiu a Loja Martinista "HERMANUBIS" dedicada a tradição oriental. Foi discípulo do Mestre Philippe. Membro do Conselho Supremo da Ordem Kabbalística da Rose Croix; membro do Conselho Supremo da Ordem Martinista. Também foi membro da H.B.L. e da F.T.L. Ditou cursos na Faculdade de Ciências Herméticas e no Grupo Independente de Estudos Esotéricos de Papus. Sem demora, em janeiro de 1909 abandonou as ordens esotéricas e se dedicou unicamente ao Cristianismo.

Publicou as seguintes obras: O faquirismo hindu e os yogas (1906); Iniciações (1908); A energia ascética (1923). Postumamente se publicaram: Mística Cristã (1927); História e doutrina da Rose-Croix (1932); As curas efetuadas pelo Cristo (1948); Les Rose-Croix (1953)

Paul Adam

De Paul Adam (1862-1920) membro do primeiro Conselho Supremo da O.K.R.C. se sabe pouco. Escrivão. Um dos primeiros iniciados na Ordem Martinista e membro de seu Conselho Supremo. Foi um expert em cartomancia e uso do Tarot. Em 1886 publicou um livro de poesias em colaboração con Jean Moréas chamado Casa Miranda. Logo publicou A força (1899), O Menino de Austerlitz (1902),A Russa (1903), O sol de julho (1903) e O touro de Mitra (1907).

Gabirol: Não existem dados.

Thoron: Não existem dados.

Agustin Chaboseau

Morto em 1946. Foi bibliotecário do Museu Guimet. Iniciado no Martinismo por sua tia, a Marquesa de Boisse-Mortemart, parente de Louis Claude de Saint-Martin. Integrou o Conselho Supremo em 1882 e participou na reorganização martinista de 1931 como soberano Grão Mestre da mesma. Também foi membro de la Hermetic Brotherhood of Luxor.

Chamuel

Seu nome real era Lucien Mauchel e seu pseudônimo foi Lucien Chamuel. Se conhece pouco sobre ele. Até

1887 foi membro del Conselho Supremo da Ordem Martinista. Colaborou com escritos para la revista La Iniciación de París. Editor, dono da Livraria do Maravilhoso onde se reuniam os ocultistas da época. Ativo propagador do Martinismo, fundou Lojas e Grupos de Estudo.

Maurice Barres

Se sabe pouco. Nasceu em 1862 e faleceu em 1923. Intimo amigo do marquês María Victor Stanislas de Guaita. Integrou o Conselho Supremo da Ordem Martinista. Escreveu *Amori et dolori sacrum* (1902)

Em um número de L'Initiation de 1889- citado por Bayard- se fala desta organização "O signo distintivo dos membros do Conselho Supremo é a letra hebraica Aleph. Alem deste grau superior, existem outros dois aos quais se ascende por iniciação. Cada novo membro presta juramento de obediência às diretivas do comitê diretor. Porem pode abandonar a sociedade quando quiser, sob a única condição de guardar secretas as ordens ou os ensinamentos recebidos. A cabala e o ocultismo são ensinados.

A Ordem Kabalística da Rosacruz confere graus de universidade livre. Outorga também alguns títulos de Doutor. O primeiro exame está sancionado pelo título de Bacharel em Cabala, o segundo pelo de Licenciado em Cabala. Finalmente, um terceiro exame, que comporta a apresentação e defesa de uma tese com discussão sobre todos os pontos de la Tradição, confere o Doutorado.

O primeiro exame se baseava:

- 1.Sobre a história geral da tradição ocidental, particularmente sobre a Rosa-Cruz.
- 2.Sobre o conhecimento das letras hebraicas, de sua forma, de seu nome e de seu simbolismo.

O segundo exame tratava de:

- 1.A história geral da tradição religiosa no transcurso dos tempos, insistindo particularmente sobre a unidade do dogma através da multiplicidade dos símbolos.
- 2.O conhecimento das palavras hebraicas quanto a sua constituição.

Esta parte do exame era oral e os candidatos deviam passar também por um exame escrito baseado numa questão filosófica, moral ou mística".

Em 1939, Víctor Blanchard deu uma patente a Spencer Lewis .Desde 1939 Até 2 de janeiro de 1946, esta Ordem foi presidida por Agustín Chaboseau, ao qual sucedeu Georges Lagrèze, que morreu subitamente el

27 de abril de 1946 em Angers. Robert Ambelain foi seu sucessor até a sua morte.

Como exceção temos que, em 1919, Jean Bricaud, que reivindicou a sucessão de Teder - para a qual havia sido nomeado Chamuel , fundou a Ordem da Rosacruz Cabalística y Gnóstica. O sucedeu Constante Chevillon (assassinado pela Gestapo em 1944) e logo Charles Henry Dupont, falecido em 1960. Este lhe transmitiu seus poderes iniciáticos a Philippe Encausse, filho de Papus.

Tradição da Ordem Kabalística da Rose Croix

Os dados abaixo estão sujeitos a confirmação e não se pode afirmar a exatidão dos mesmos:

Uma Linha Tradicional

- 1-CONDE STANISLAS DE GUAITA, desde 1888 até 1897
- 2-Desde 1897 até (?) -ALBERT FAUCHEAUX (BARLET)
- 3-Desde (?) até 1916: PAPUS
- 4-Desde 1916 até 1918: CHARLES DETRE (TEDER)
- 5-Desde 1918 até 1936: LUCIEN MAUCHEL (CHAMUEL)
- 6-Desde 1936 até 1939: VICTOR BLANCHARD
- 7-Desde 1939 até janeiro de 1946: AGUSTIN CHABOSEAU
- 8-Desde (?) até (?) : GEORGES LAGREZE
- 9-Desde (?) até 1992 (?) : ROBERT AMBELAIN
- 10-Desde 1992: GERARD KLOPPEL

Outra Linha Tradicional

- 1-CONDE STANISLAS DE GUAITA, até 1897
- 2-Desde 1897 até (?) -ALBERT FAUCHEAUX
- 3-Desde (?) até 1916: PAPUS
- 4-Desde 1916 até 1918: CHARLES DETRE (TEDER)
- Após a morte do Grão Mestre Charles Detre houve um cisma resultante da controvérsia sobre requisitos maçônicos de afiliação
- 5-Desde (?) até (?) : JEAN BRICAUD
- 6-Desde (?) até (?) : CONSTANT CHEVILLON
- 7-Desde (?) até 1960: CHARLES HENRY DUPONT
- 8-Desde 1960 até 1984 (?) : PHILIPPE ENCAUSSE
- 9-Desde 1984 (?) até 1992 (?) : ROBERT AMBELAIN
- 10-Desde 1992: GERARD KLOPPEL

Pelo exposto, parecia que as duas linhagens originais que se haviam separado, e voltaram a unificar-se sob a mestria de Robert Ambelain.

Contos Espirituais

A Caridade

Terminara, finalmente, o insigne poeta o seu árduo trabalho: grandioso poema sobre as maravilhas de Deus na ordem do cosmos.

E agora, numa roda de amigos e admiradores, declamava o mais belo capítulo da obra prima do seu engenho.

Foi um assombro total!

De tamanha beleza eram as idéias, tão profundos os conceitos, tão cintilantes as frases, tão suaves as cadências dos períodos, que os ouvintes ficaram como que extáticos de enlevo.

E quando o poeta, no auge do entusiasmo, declamava a mais grandiosa página do poema, ouviu-se bater à porta da casa.

Mais se avolumou a voz do inspirado poeta, mais vibrante se tornou o seu estro, para abafar o ruído do inoportuno visitante.

Persistem, porém, na porta, os golpes indiscretos. Interrompe então o cantor das grandezas de Deus a faiscante cadeia de idéias e, contrariado, com um arranco violento, abre a porta.

“Por gentileza, senhor, a sua roupa suja” diz uma vozinha tímida, coando dos lábios pálidos duma menina magríssima. É a filha da pobre lavadeira.

“Agora não posso, menina! Venha amanhã!”

“Mas a mamãe vai ficar sem serviço, e sem pão, somos tão pobres. Por favor senhor, a sua roupa suja”

“Não posso, já disse!”

Com estrondo infernal se fecha a porta na cara da pálida menina. E, tornando a subir ao estrado, retoma o trovador o fio do poema. Por entre tempestades de aplausos termina a declaração da grande apoteose que elaborou pela maior glória de Deus.

Felicitações, abraços, sorrisos, elogios e luminosas perspectivas.

Altas horas da noite.....

Surge no seio das trevas o rosto pálido duma menina paupérrima. Corre pelo quarto olhares sonâmbulos, apanha da mesa os originais do poema, folha por folha e as rasga em mil pedaços. E jogando-as ao cesto de papéis murmura: “Roupa suja, senhor”. E desaparece.

O poeta acorda, os originais lá estão, intactos. E põe-se a pensar, a pensar, a pensar. É verdade que escrevi este poema pela maior glória de Deus? Se é verdade, porque não cantei, ontem à noite, o mais belo de todos os poemas do mundo, o poema da Caridade? Por que não entreguei à pobrezinha a minha roupa suja? Por que preferi à caridade a minha vaidade?

Levantou-se e resolveu, logo de manhã, entregar à filha da lavadeira a roupa suja que ela pedira, e lavou com as lágrimas do arrependimento a “roupa suja” que tinha dentro da alma. E o seu coração cantou em silêncio o mais lindo poema de humanidade.

O divino poema de Jesus de Nazaré!!

A Harpa Mágica

Em um venerado mosteiro conservava-se uma harpa mágica, da qual, segundo os antigos oráculos, brotaria uma melodia maravilhosa no dia em que fosse dedilhada por um artista capaz de tocá-la devidamente.

Atraídos pelo oráculo e com a esperança de se tornar famosos, muitos iam ao santuário, garantiam que eram grandes arpistas e pediam para que lhes deixassem tentar tocar a harpa mágica. Mas todos fracassavam, do instrumento só saíam os mais desagradáveis ruídos.

Tanto os monges que viviam no mosteiro como todo o povo do lugar já haviam perdido as esperanças de que pudesse aparecer alguém capaz de tocar aquele instrumento misterioso quando, um dia, apresentou-se ali um humilde homem. Era um desconhecido, e ninguém imaginava que chegaria a conseguir aquilo que tantos músicos célebres haviam fracassado.

Quando o homem começou a dedilhar o instrumento com delicadeza, como se estivesse acariciando as cordas com os dedos, tinha-se a sensação de que a harpa e o harpista haviam sido fundidos em um único ser.



Durante bastante tempo, que a todos lhes pareceu como um segundo, ouviram uma melodia com a qual sequer poderiam ter sonhado.

Por fim, o homem acabou de tocar e devolveu com grande reverência a harpa aos monges, estes maravilhados, perguntaram-lhe como conseguira tocar aquela música com um instrumento do qual os mais famosos músicos não haviam sido capazes de tirar sequer uma nota afinada.

Então o homem respondeu com grande humildade: todos os que me precederam na tentativa, chegaram com o propósito de usar a harpa para se envaidecer. Eu, apenas me submeti inteiramente a ela e emprestei-lhe meus dedos, para que não fosse eu a lhe impor minha música, mas que ela pudesse cantar tudo o que leva dentro de si. Então, a madeira da harpa, que havia sido uma árvore centenária vibrou para cantar o ritmo do sol e da lua, os resplendores da aurora e do ocaso, a força do vento, o rumor da chuva, o silêncio das nevadas, o calor do verão e o frio do inverno, a ilusão de tantas primaveras e a tristeza do outono; em suma a história da própria natureza.

E um instrumento maravilhoso que não pode ser tocado por aqueles que estão cheios de si mesmos, é preciso esvaziar-se diante da harpa para deixar que ela mesma toque a sua melodia.

O Paraíso e o Inferno

Um homem tem permissão para visitar o paraíso e o inferno. No inferno ele vê uma grande reunião de pessoas sentadas em volta de uma longa mesa posta, com comida farta e gostosa; no entanto, as pessoas são pobres e esfomeadas.

Ele logo percebe que a razão de se encontrarem em

estado desesperador é que as facas e os garfos servidos são maiores que os braços dos comensais. Como resultado disso, eles são incapazes de levar a comida à boca e de se alimentar. Depois, mostra-se ao homem o paraíso. Ele encontra a mesma mesa posta ali com os mesmos longos talheres.

No paraíso, porém, em vez de as pessoas estarem somente preocupadas em se alimentar, cada uma usa seus talheres para alimentar ao próximo. Todas elas estavam bem alimentadas e felizes.

A Humildade

Muitos e muitos anos atrás, um homem muito sábio visitava os povoados, realizando os pedidos das pessoas que ele julgava que tinham atuado com justiça e benevolência.



Este homem sábio tinha a faculdade de atender os pedidos de todas as pessoas que se acercavam a ele; por este motivo, numa determinada cidadezinha existia um grande alvoroço.

O sábio chegou no povoado e todos correram até ele, e todos pediam favores, alguns pediam dinheiro, outros pediam

saúde, outros namorados ou namoradas e assim cada um fez seu pedido.

E ele foi atendendo na medida do merecimento de cada um deles.

Porém o homem sábio viu no fundo da multidão um rapaz jovem que nada tinha pedido, dirigindo-se a ele lhe disse: e tu nada tens a me pedir, ao qual o jovem respondeu: nada peço porque nada mereço, se algum dia a natureza julgar que mereço algo, ela mesma deverá de me proporcionar.

O homem sábio perguntou então: qual é teu nome meu rapaz, e o jovem respondeu com humildade: Jesus de Nazaré, Senhor.



Publicação da Sociedade das Ciências Antigas

Todos os Direitos Reservados

www.sca.org.br